

Motivações para a escrita de blogs confessionais extraídas do filme “Nome Próprio”

Patrícia P. BATISTA¹

FELIPE:

- *Me exclui desta ‘putaria’ na internet. Se você voltar a me expor, como fez, eu vou voltar aqui. (...) Ninguém precisava saber o que aconteceu, era problema meu e seu.*

CAMILA:

- *Se eu não te provocasse, você não iria me responder.*

FELIPE:

- *Se você escrever mais uma linha sobre mim na internet, eu vou voltar aqui e quebrar a sua cara.*²

O diálogo acima é parte de uma cena do filme *Nome Próprio*, de Murilo Salles. O longa-metragem é inspirado na história de Clarah Averbuck (a personagem Camila, interpretada por Leandra Leal), uma das pioneiras no Brasil na escrita de um blog de cunho confessional. A proposta deste artigo é analisar as motivações que o filme aponta como sendo responsáveis por levar uma pessoa comum a criar e manter um espaço, público, em que sua vida particular é contada.

Tendo o filme como suporte, a idéia é comparar as motivações mais recorrentes mencionadas por pesquisadores do tema com as motivações que aparecem, de forma direta ou indireta, em uma história contada a partir da vida real de uma blogueira específica e verificar se há pontos coincidentes e divergentes.

As principais motivações encontradas na literatura sobre o tema são a possibilidade de a escrita de si em blogs confessionais ser uma forma de moldar a própria personalidade; ser uma busca de uma personalidade singular que se destaque da massa; e, caso seja esta busca de singularidade associada ao desejo de exposição desta, funcionar como meio de alcançar fama; ser apenas uma nova forma de sociabilidade (inserção em um grupo); ou, ainda, ter surgido como reflexo de um novo posto ocupado pela visibilidade na sociedade atual; ou mesmo como uma nova forma de literatura.

Antes de comparar as motivações listadas com as encontradas no filme, é preciso delimitar o conceito de blog confessional trabalhado neste artigo. Como confessional iremos considerar aqueles blogs que, semelhantes aos diários íntimos clássicos, trazem o relato da vida cotidiana de seu autor, sejam eles relatos de ações ou de pensamentos.

E o primeiro conflito nesta análise é justamente considerar como blog confessional a página da protagonista de *Nome Próprio*. Ela se recusa, de forma explícita, a aceitar tal classificação. “Meu blog não é um diário”, é uma de suas falas no filme. “Não escrevo aqui sobre minha vida”, acrescenta em seguida.

No entanto, apesar da afirmação, a inspiração para seus *posts* vem de sua rotina, principalmente de sua conturbada vida afetiva e econômica. Um exemplo concreto de como seu dia-a-dia vai parar em sua página é o diálogo transcrito no início deste artigo. O ex-namorado fica furioso depois que Camila, a protagonista, conta no blog detalhes sobre o que havia acontecido entre os dois. No filme, Camila escreve no computador o seguinte texto: “Para sua informação, eu não sei quem era o dono do pau que estava me comendo. Você chegou em casa na hora errada”. O diretor não deixa claro na cena se

¹ Mestranda do Curso de Comunicação Social da Uerj, patypera@gmail.com

² Diálogo entre a protagonista do filme e seu ex-namorado. Ele a procura, nervoso e agressivo, depois de ela ter postado em seu blog detalhes sobre a traição que motivou o rompimento dos dois

ela estava postando no blog ou mandando um e-mail, mas parece ter sido este o texto motivador da discussão entre os dois. “Se eu não te provocasse, você não iria me responder”, diz Camila.

Além deste, há muitos outros *posts* escritos tendo sua rotina como matéria prima. Uma prova de que a própria Camila sabe disso, embora negue em certo momento, é o diálogo travado com a amiga Paula:

- *Você não precisa se expor tanto assim, diz Paula.*

- *Fica tranqüila. Eu não sou a “devil girl”?, responde Camila.*

Em outros trechos, a “vida real” transparece de forma menos explícita, apesar de ser o substrato do texto: “Não me desespero mais. Encontrei o leito por onde escoar o meu excesso”, posta no blog depois de começar um romance.

A análise do filme “escorre” para a discussão promovida a seu respeito em jornais e sites da internet. Clarah Averbuck questiona se a personagem Camila – e mesmo se a Clarah, descrita em seu blog original -, apesar de ser baseada na exposição de sua intimidade, pode retratá-la de forma fiel e levar o leitor a conhecê-la de fato.

A mesma dúvida é levantada por Sibilia (2007) ao discutir a escrita de blogs confessionais como sendo um meio de constituir a própria subjetividade. Para a pesquisadora, apesar de os blogs confessionais trazerem relatos sobre a vida cotidiana, real, dos indivíduos, tais textos não deixam de ser uma espécie de ficção. Ela explica que, ao mesmo tempo em que o dono do blog é autor e narrador de seus textos, ele é também personagem de sua história. “[...] é um tipo bem especial de ficção, pois, além de se desprender do magma real da própria existência, acaba provocando um forte efeito no mundo: nada menos do que o eu de cada um” (SIBILIA, 2007, 184). Ficção que é vista por Sibilia como necessária: “afinal, pois somos feitos desses relatos: eles são a matéria que nos constitui como sujeitos”, diz a autora na mesma página.

Pelo exposto por Sibilia, podemos concluir que, com a escrita de blogs confessionais, pessoas comuns se autoconstroem como personagens reais, porém ao mesmo tempo ficcionalizados de suas próprias vidas (SIBILIA, 2007, p. 188). É também o que quer dizer Clarah ao não se reconhecer transparente em Camila ou em si mesma nas linhas escritas no blog.

Sendo assim, apesar de a personagem negar manter um blog confessional, vamos considerá-la como sendo autora de tal gênero de blog.

Motivações

1- Tornar-se escritora

No caso da blogueira de *Nome Próprio*, a motivação mais óbvia é o desejo de se tornar uma escritora, já que o fio condutor do filme é o caminho que ela percorre para tentar escrever seu primeiro livro, depois de ter se mudado de Brasília para São Paulo com essa meta.

Blog e livro parecem ter pesos diferentes para Camila como legitimadores de uma escrita literária. Ela quer ser escritora e, para isso, considera ser preciso publicar um livro – o blog, onde escreve, ela mantém desde os tempos de Brasília.

No entanto, apesar de não achar que o blog é um meio que a legitima como escritora, transparece no filme a idéia de que Camila considera seus *posts* no blog como sendo textos literários. Ela recebe, por exemplo, o e-mail de um fã de seu blog, chamado Daniel. No “assunto” está escrito “estímulo literário”. Mais adiante, depois de se tornarem amigos por e-mail, ela conhece pessoalmente o garoto. Eles discutem porque Camila não sabe se quer realmente conhecer o Daniel concreto: “Eu vivo dentro

da minha cabeça. Vou dormir e ter o meu Daniel. Não sei se quero te conhecer”. E ele responde: “Camila, ficção não acontece contigo o tempo todo? Então me reescreve”. Ficção? Para ela, o que narra é uma história literária. Há, inclusive, trechos em que escreve em terceira pessoa, como se estivesse contando a história de alguma personagem.

Quando, de fato, vai escrever seu livro, recorta e cola vários *posts* do blog. O filme mostra seu processo de criação. No computador, duas páginas abertas: de um lado o arquivo do livro a ser escrito e, do outro, seu blog. Ela cola um *post* antigo, escreve mais um pouquinho, cola outro *post* mais abaixo, pega anotações de um caderno. E assim o livro vai ganhando corpo.

Camila usa trechos de seu blog para escrever um livro. Sibilia (2007) levanta a hipótese (e a polêmica) de os próprios blogs confessionais serem uma nova modalidade de literatura.

Todos esses textos auto-referentes e essas cenas da vida privada que agitam as telas interconectadas pela rede mundial de computadores mostram a vida de seus autores ou são obras de arte produzidas pelos novos artistas da era digital? É possível que sejam, ao mesmo tempo, vidas e obras? Ou seriam, talvez, algo completamente novo? Apesar das muitas dúvidas, cabe indagar se todas essas palavras e essa aluvião de imagens não fazem nada mais (e nada menos) do que exibir fielmente a realidade ou se, ao contrário, criam e expõem diante do público um personagem fictício. Em síntese: são as obras de um artista – encarnam, portanto, uma nova forma de arte e um novo gênero de ficção – ou se trata de documentos verídicos acerca de vidas reais? (SIBILIA, 2007, p. 182)

Em outro trecho do mesmo artigo, Sibilia afirma que estas novas práticas podem ser consideradas como sendo pertencentes aos gêneros autobiográficos, “uma categoria artística (e, sobretudo, literária) que possui uma longa história e contempla uma diversidade de expressões: dos álbuns e memórias às cartas e diários íntimos (Ibid., p. 183).

E volta a afirmar, na mesma página do artigo, que “se o leitor acredita que o autor, o narrador e o personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica”. Segundo esta tese, os blogs confessionais seriam uma nova manifestação da literatura que se enquadra no gênero autobiográfico.

Oliveira (2002) segue pensamento parecido, já que ao longo de sua história dos diários posiciona o blog confessional como sendo a etapa histórica mais recente do diarismo. E, sobre os diários, afirma que convencionou-se definir como literatura aqueles que são publicados e como “não-literatura” aqueles que não chegam a público, permanecem desconhecidos.

Conceito que esbarra com o raciocínio de Camila. Afinal, para ela, é preciso publicar (em papel) para se tornar escritora. No blog, o mesmo texto, só que apenas postado em sua página virtual, não a alça a este posto.

2- Desejo de singularidade e de fama

Os blogs confessionais, sob a aparente e tão difundida função de narrar a vida privada de “pessoas comuns”, podem esconder um outro objetivo: ser um meio de se alcançar a fama. “Pessoas comuns” escreveriam tais diários e dariam publicidade a suas intimidades com o desejo de criar uma personalidade singular, capaz de se destacar da massa e sair do anonimato, ou seja, com o anseio de virar uma celebridade.

Sibilia (2007) explica que a cultura dos dias atuais não busca pelas causas profundas e sim está focalizada na produção de efeitos. Sendo assim, vive-se no

“mercado das aparências”, no “culto à personalidade”. E será neste mercado e com essas regras que autores de blogs confessionais irão atuar para conquistar o almejado posto de celebridade.

Enquanto não se solicita à *celebridade* que sua ‘personalidade artística’ produza necessariamente uma obra ou que se manifeste no espaço público à moda antiga, os limites do que se pode dizer e mostrar se alargam compulsivamente, invadindo o velho terreno da privacidade. Assim, a noção de intimidade vai se desmanchando: deixa de ser um território onde imperavam (e deviam imperar) o segredo e o pudor, para se tornar um palco onde cada um pode (e deve) encenar o *show* de sua própria personalidade. (SIBILIA, 2007, p.195)

Sibilia associa tais blogueiros a “autores sem obras”. Isso porque usam o espaço do blog para cultivar uma imagem de escritor mesmo que não tenham como base uma obra literária. No lugar da arte, a própria vida é encenada, daí a necessidade de expor a intimidade. “Hoje proliferam as subjetividades inspiradas nesse ‘estilo artístico’, que fazem de sua vida privada e de sua personalidade um espetáculo a ser constantemente exibido e atualizado” (SIBILIA, 2007, p.196). E afirma, na mesma página, “é assim como se encena, todos os dias, o *show do eu*. Fazendo da própria personalidade um espetáculo.”

O blog da protagonista de *Nome Próprio* encaixa-se neste perfil. Cada *post* exhibe a conturbada vida da blogueira. Camila, além de dar publicidade a sua rotina, parece fazer de sua própria vida um espetáculo, como escreve Sibilia. A sinopse do filme, publicada no jornal Diário de Pernambuco, descreve bem a relação entre o blog e sua autora: “Uma jovem blogueira apaixonada pela escrita busca criar para si uma existência complexa o suficiente que possa ser por ela narrada.”

Para Sibilia (2007), nos novos gêneros autobiográficos representados pelos blogs confessionais, qualquer um pode virar autor e narrador de um personagem atraente, “que cotidianamente faz de sua intimidade e de sua ‘vida privada’ um espetáculo destinado a milhões de olhos curiosos de todo o planeta. Esse personagem se chama *eu*” (SIBILIA, 2007, p.197, grifos da autora).

Ao falar sobre os “autores sem obras”, Sibilia diz que a própria personalidade se tornou um valor em si, muitas vezes em detrimento da obra de fato criada.

Os autores de *blogs* e outros gêneros confessionais parecem ótimos exemplos desta nova classe em expansão: os ‘artistas sem obras’. Talvez todas essas imagens auto-referentes e esses textos intimistas que hoje atordoam as telas tenham uma meta prioritária: permitir que seus *autores* se tornem *artistas* – ou melhor: *celebridades*. Essas novas formas de expressão e comunicação seriam uma mera desculpa para que os usuários da internet (entendidos como ‘qualquer um’ ou ‘gente comum’) possam criar e desenvolver à vontade aquilo que seria sua principal e verdadeira obra, isto é: sua personalidade. (SIBILIA, 2007, p.191, grifos da autora)

De acordo com Sibilia (2007), nesses casos, a obra não precisa ser lida. O importante é que se constate sua existência e que a figura do autor seja criada. Autor que deve ser reconhecido como portador de algum tipo de singularidade que o associe à velha personalidade artística. “Para ter acesso a tão prezado fim, a obra é um elemento importante, mas de segunda ordem, pois o que realmente importa é a *vida* do autor e sua personalidade: seu *estilo* como personagem. (SIBILIA, 2007, p.192, grifos da autora)

Camila, ao longo do filme, não tem um livro publicado. Ainda assim, tem fãs de sua “obra”. Daniel, citado mais acima, é um deles. Guilherme, um adolescente que irá

ajudá-la no filme quando fica sem moradia, é outro. “Camila, amo você. Seu blog mudou a minha vida”, diz Guilherme, por e-mail, em uma cena do filme.

Sibilia explica que o culto à singularidade individual e a vontade de ser diferente persistem nos dias atuais. Mas tais qualidades únicas não estão mais relacionadas ao passado do indivíduo ou à sua interioridade, cada vez mais o que cada um é mostra-se na superfície visível, na auto-estilização inspirada em personalidades cinematográficas, em exposição na tela (SIBILIA, 2005, p. 46). “Eis uma pista que talvez possa explicar esse curioso ‘detalhe’ dos novos diários íntimos publicados na Internet [...]: o fato de nascerem com vocação **exibicionista**, para serem vistos e lidos por milhões de olhos alheios nas infinitas telas da rede” (SIBILIA, 2005, p.46, grifos da autora).

3- Demanda por visibilidade

Blogs confessionais, assim como fotologs, webcams e todos os programas voltados para a exposição de si podem ter uma ligação direta com o papel que a visibilidade passou a ocupar hoje em dia: o olhar se voltou para a rotina de pessoas comuns e, de certa forma, passou a ser demandado.

Fernanda Bruno, no artigo “Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação”, explica as várias fases e mudanças de estatuto por que passou a visibilidade e o controle de si pelo olhar alheio. Antes de analisar o posto ocupado pela visibilidade na atualidade e sua ligação com os blogs confessionais é preciso entender a historicidade do tema.

Bruno (2004) diz que a referência a Foucault³ é indispensável. “Em sua ‘genealogia da alma moderna’ (1983, p. 31), uma das definições do projeto de Vigiar e Punir, a subjetividade é inseparável dos dispositivos de visibilidade. As instituições disciplinares, que encontram seu modelo ideal no Panóptico, são máquinas de ver que produzem modos de ser” (BRUNO, 2004, p.2).

Na modernidade, ao contrário do que acontecia no período anterior, em que os olhares se voltavam para os detentores do poder – reis e rainhas -, o olhar voltou-se para as pessoas comuns.

O olhar não recai mais sobre aqueles que exercem o poder, mas sobre aqueles sobre quem o poder é exercido. Sobre o indivíduo comum, ordinário, e ainda mais sobre aqueles que estão aquém do comum e mediano – o desviante, o anormal. Trata-se, de fato, de um olhar individualizante, de um poder que individualiza pelo olhar, tornando visível, observável, analisável, calculável o indivíduo comum. Deste modo, o poder torna-se cada vez mais anônimo enquanto o indivíduo comum ou desviante, exposto à visibilidade, torna-se cada vez mais objetivado e atrelado a uma identidade – o criminoso, o doente, o louco, o aluno, o soldado, o trabalhador têm seus comportamentos, sintomas, manias, vícios, falhas, desempenhos, aptidões, méritos e deméritos investidos, conhecidos, registrados, classificados, recompensados, punidos por uma maquinaria de vigilâncias hierarquizadas. (BRUNO, 2004, p.2)

Desta forma (e resumindo muito a teoria de Foucault sobre o dispositivo disciplinar), na modernidade a visibilidade não era desejada por funcionar como uma forma de vigilância e de controle. O olhar era centralizado (modelo do Panóptico), dirigido de poucos sobre muitos, e tinha um caráter coercitivo. Além disso, a vigilância era interiorizada, já que o recluso - em ambientes como escolas, fábricas, hospitais e clínicas psiquiátricas – não podia verificar se, em um dado momento, estava sendo

³ Foucault, M. (1983). *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes

observado de fato. Sendo assim, pela simples possibilidade da vigilância, esta se tornava constante e independente da presença real do vigia (BRUNO, 2004).

Até mesmo quem não estava recluso nestes ambientes se submetia ao “olhar” do poder e da norma (o que ficou conhecido como sanção normalizadora), já que não era desejável se identificar com os comportamentos desviantes, indesejáveis.

Nesta medida, os dispositivos de visibilidade modernos fundam uma subjetividade que deve aplicar sobre si mesma, no recolhimento de sua interioridade, os procedimentos de observação e correção que lhes são aplicados do exterior. O dispositivo disciplinar consegue assim, na sua forma ideal, lançar luz sobre aquilo que de outro modo restaria na sombra e na invisibilidade, o que, para esta forma de poder, pode ser um meio de proteção e resistência. Como vimos, a autovigilância só se cumpre a partir da identificação com o olho do poder, representante da norma, e sua respectiva interiorização. (BRUNO, 2004, p.8)

Na modernidade, o poder se baseava na exposição do indivíduo comum à visibilidade. A visibilidade, portanto, era indesejável. Na pós-modernidade, com o surgimento de tecnologias como a televisão, o olhar novamente muda de foco. De acordo com Bruno, se acompanharmos a trajetória das tecnologias de comunicação, “desde a TV até a Internet, e a compararmos ao modelo panóptico, apreenderemos uma série de inversões, desvios e deslocamentos na relação entre indivíduo e visibilidade” (BRUNO, 2004, p.9).

Com o advento dos meios de comunicação de massa, em especial da TV, muitos voltaram a vigiar poucos. Só que, em vez de ter no centro dos olhares reis e rainhas, passou-se a ter celebridades do mundo televisivo. Por alguns anos, a visibilidade deixou, mais uma vez, de incidir sobre o indivíduo comum, ordinário e passou a estar centrada na figura de popstars. “O indivíduo comum, a massa, passa à condição de observador de uns poucos dignos de visibilidade, deixando de ser objeto de coerção ou correção para se tornar alvo de um poder que se exerce sobretudo por sedução” (BRUNO, 2004, p.9, 10).

Mas não demora muito tempo até que o indivíduo comum ingresse no reino televisivo.

O crescente aumento de programas de caráter confessional e ‘realista’ coloca os holofotes sobre o indivíduo e sua realidade ordinária, seus problemas psíquicos, conjugais, pessoais. [...] O que desejamos ressaltar é o retorno do foco de visibilidade sobre o indivíduo comum, agora residente não mais nas instituições disciplinares (BRUNO, 2004, p.10)

Ou, como explica Paula Sibilia, ao falar sobre a crescente expansão de narrativas biográficas no mundo contemporâneo:

Uma intensa ‘sede de realidade’ tem eclodido, um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e *reais*. (...) Por um lado, o foco do interesse foi desviado, abandonando gradativamente as ‘figuras ilustres’ e as ‘vidas exemplares’ ou ‘heróicas’ para se dirigir às pessoas comuns, sem desprezar a busca daquilo que toda figura extraordinária também tem de ‘comum’. Por outro lado, há um deslocamento em direção à intimidade, ou seja, àqueles âmbitos da existência que antes eram conhecidos de maneira inequívoca como *privados*. Enquanto os limites do que se pode ver e mostrar vão se alargando, a esfera da intimidade se exacerba sob a luz de uma visibilidade que se deseja total. (SIBILIA, 2007, p.185, grifos da autora)

Bruno explica que novas ferramentas tecnológicas, como blogs e webcams, surgem como um novo campo de visibilidade para o indivíduo comum. Campo que apresenta duas características relevantes: “a vigilância e a exposição da vida íntima e privada” (BRUNO, 2004, p.10).

Mas, ao contrário do que ocorria na modernidade, esta vigilância deixa de ser indesejável e não mais tem o caráter disciplinar e coercitivo. É o próprio indivíduo quem agora expõe sua intimidade, dá visibilidade a ela e deseja o olhar alheio.

[...] os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação. Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’, ao alcance do ‘olhar’, escrutínio ou conhecimento do outro, o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si. Nos weblogs de caráter ‘confessional’ e nas webcams pessoais esta exteriorização é patente. É importante notar que não se trata tanto da exteriorização de uma interioridade constituída, por natureza recôndita, que passa a se expor, mas principalmente de uma subjetividade que se constitui prioritariamente na própria exterioridade, no ato mesmo de se projetar e de se fazer visível a outrem (BRUNO, 2004, p.11-12)

A visibilidade, a exposição ao olhar o outro, passa a ser voluntária. Bruno arrisca a hipótese de que “o olhar do outro deixa de ser dado pelo coletivo, pela sociedade e passa a ser demandado, conquistado pelo próprio indivíduo” (BRUNO, 2004, p.14).

Costa (2008) cita Jamenson⁴ para corroborar com esta hipótese. Segundo ele, “o olhar é o que estabelece a minha imediata relação com as outras pessoas, mas ele o faz por meio de uma reviravolta inesperada, na qual a experiência de ser olhado se torna primordial e meu próprio olhar uma reação secundária” (JAMESON apud. COSTA, 2008, p. 4).

Camila, a protagonista de *Nome Próprio*, é um exemplo desta busca e valorização do olhar “do outro”. Em certa cena do filme, ela comenta: “Márcio, meu amigo desde Brasília, que nunca deixou de ler um *post* do meu blog nos últimos 300 anos, desapareceu.”

O novo posto ocupado pela visibilidade aparece como uma das motivações para a escrita de blogs confessionais. Segundo Bruno (2005), atualmente, o olhar público parece não mais estar dado, precisando ser conquistado pelos próprios indivíduos. “As práticas de exposição de si na Internet podem ser vistas neste sentido como uma demanda pelo olhar do outro, que se torna assim uma conquista individual, privada e não mais um dado público” (BRUNO, 2004, p.15).

O contexto para todas estas mudanças é a privatização das trajetórias individuais (BRUNO, 2004), com o progressivo declínio das grandes instituições e dos atores sociais organizados. O que era público – saúde, formação, trabalho - passa a ser cada vez mais de responsabilidade particular. E até o que “parecia público quase que ‘por natureza’ – o olhar do outro” (ibid., p. 16) se torna uma responsabilidade do próprio indivíduo.

Na ausência do grande olho público, a intimidade se volta para fora, como que em busca de um olhar que a reconheça e lhe atribua sentido, existência. [...] O foro íntimo deixa de ser experimentado como o refúgio mais

⁴ JAMESON, Fredric. *A Virada Cultural. Reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006, p.172 apud COSTA, Bruno C. S. “Videografias de si: registros do novo ethos da contemporaneidade”. In: *COMPÓS 2008 - XVII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2008, São Paulo, p. 4. CD-ROM COMPÓS 2008, 2008.

autêntico e secreto para se tornar uma matéria artificialmente assistida e produzida na presença explícita do olhar do outro. (BRUNO, 2004, p. 16)

Blogs confessionais servem para ampliar a visibilidade de pessoas comuns. Visibilidade que se tornou almejada como forma de reconhecimento, em uma sociedade em que o indivíduo só existe se ele é capaz de fazer saber que ele existe (BRUNO, 2004).

Como lembra Paula Sibilia:

Se no século XIX, em plena efervescência dos diários, das cartas, dos romances e dos folhetins, tinha-se a sensação de que tudo existia para ser contado em um livro – para lembrar a célebre expressão de Stéphane Mallarmé –, hoje a impressão é de que só acontece aquilo que é exibido em uma tela. (SIBILIA, 2003)

4- Escrever como forma de construção do “eu”

“Escrevo porque vivo. Ou melhor, vivo porque escrevo”, escreve Camila em seu blog no filme *Nome Próprio*. Uma das motivações apontadas para a escrita de blogs confessionais é a constituição do próprio “eu”. Esta construção, como afirmam alguns teóricos que analisaremos a seguir, se dá no próprio momento da escrita - na criação e no registro dos relatos. Além disso, tais teóricos apontam que passou-se da formação de uma subjetividade interiorizada para uma subjetividade exteriorizada: exposta ao olhar do outro e dependente deste.

Segundo Bruno (2004), as tecnologias comunicacionais contemporâneas – aí incluídos os blogs - contribuíram na transformação do modo como os indivíduos constituem a si mesmos e modulam sua identidade a partir da relação com o outro, “mais especificamente com o ‘olhar’ do outro (BRUNO, 2004, p.1).

Ao falar desta “subjetividade exteriorizada”, constituída a partir da exposição de si e do olhar do outro, Bruno explica que isto é diferente de dar visibilidade a uma interioridade já formada:

[...] os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação. Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’, ao alcance do ‘olhar’, escrutínio ou conhecimento do outro, o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si. Nos weblogs de caráter ‘confessional’ e nas webcams pessoais esta exteriorização é patente. É importante notar que não se trata tanto da exteriorização de uma interioridade constituída, por natureza recôndita, que passa a se expor, mas principalmente de uma subjetividade que se constitui prioritariamente na própria exterioridade, no ato mesmo de se projetar e de se fazer visível a outrem. Depoimentos de diaristas e estudos sobre webcams e a escrita de si na Internet mostram como a prática da exposição de si coincide com o processo de constituição do que os indivíduos tomam como seu ‘eu’ e sua identidade. (BRUNO, 2004, p.11, 12)

Paula Sibilia (2007) tem pensamento parecido. Segundo ela, a narração auto-referente não representa apenas a história que se vive no dia-a-dia, mas “ela a apresenta e de alguma maneira também a realiza, concedendo-lhe consistência e sentido, delinea seus contornos e a constitui. (2007, p. 184). Sibilia explica que a experiência da própria vida adquire forma e conteúdo, ganha consistência e sentido, enquanto vai se cimentando ao redor de um determinado eu (op. cit.)

As palavras que tecem a minuciosa escrita autobiográfica parecem exalar poder mágico: não só testemunham, mas também organizam e inclusive

concedem realidade à própria experiência. Tais relatos tecem a própria vida; de alguma maneira, a realizam. (SIBILIA, 2007, p.185)

Um texto de Camila, postado em seu blog no filme *Nome Próprio*, ilustra de maneira precisa o raciocínio de Sibilia: “Quando escrevo, me afirmo. Quando falo, ganho sentido.”

Mencionando outro suporte, o vídeo, Costa afirma que “as videografias de si [imagens confessionais feitas para o *Youtube*⁵] são, entre outras coisas, modos de representação dos indivíduos contemporâneos” (COSTA, 2008, p.11).

Videografias de si podem ser vistas como uma espécie de blog confessional, só que no lugar do texto escrito está a imagem e a fala. E, analisando tais vídeos, Costa (2008) chega à conclusão de que todo texto autobiográfico visa a uma certa afirmação do self e seu reconhecimento a partir do outro. “Está ali a confissão [...], como um reconhecimento por parte de um indivíduo de suas próprias ações e pensamentos, ou seja, uma declaração afirmativa do self como forma de referendar seu status e suas posições” (COSTA, 2008, p.9)

Para Costa, o self, na atualidade, precisa não só destas representações para referendar-se, mas também de uma audiência que lhe confira aprovação (2008, p. 10). É Sibilia (2003) quem explica como e por que a formação da subjetividade passou a se basear nesta exposição de si (seja por meio da escrita, da fala ou de imagens) e no reconhecimento pelo olhar do outro.

Segundo Sibilia (2003), na contemporaneidade ocorre um certo declínio da interioridade psicológica que costumava caracterizar a subjetividade moderna. Na modernidade, o homem organizava sua experiência em torno de um eixo situado no centro de sua vida interior. De acordo com Sibilia (2003), havia uma forma subjetiva particular, dotada de uma certa “interioridade psicológica”, marcada por atributos e sentimentos privados. A subjetividade era modelada em mergulhos introspectivos – e, neste ponto, os diários íntimos clássicos, privados e secretos, contribuíam para isso.

O declínio da interioridade, associado a fatores econômicos e sócio-culturais, deu lugar a outras formas de construção identitária.

Acompanhando as mudanças que estão acontecendo em todos os âmbitos – marcados pela aceleração, a virtualização, a globalização, a digitalização – as narrativas do eu também atravessam profundas transformações. [...] Estaríamos vivenciando, então, um paulatino desbalanceamento na organização subjetiva, uma passagem do mundo abissal dos sentimentos e do conflito inerente ao sentido trágico da vida (com seu tecido de regras interiorizadas, transgressões e desejos reprimidos), para uma preeminência da sensorialidade e da visibilidade instantânea, da lógica do impacto nervoso e efêmero, do imperativo do gozo constante e do sucesso, da fruição do consumo imediatista, do bemestar tecnicamente controlado, da performance eficaz no curto prazo, das identidades descartáveis e da gestão empresarial dos capitais vitais. [...] O fenômeno dos diários publicados na Web, com toda a sua parafernália de confissões multimídia e, especialmente, as *webcams* que transmitem “cenas da vida privada” ao vivo durante as 24 horas do dia, fornecem um prisma privilegiado para examinar este desvanecimento dessa interioridade clássica e as novas tendências exibicionistas e performáticas que alimentam os atuais processos de identificação. Os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu por meio de recursos performáticos, que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, ao cobiçado fato de “ser visto”. (SIBILIA, 2003)

⁵ Site que pode ser usado por qualquer pessoa para postar um vídeo na rede e torná-lo público.

Os blogs confessionais – ou “diários íntimos da Internet”, como se refere a eles Sibilia – seriam criados e mantidos com o propósito, não diretamente explícito e percebido pelo seu autor, de constituir a própria subjetividade de maneira alinhada à nova realidade contemporânea, mais calcada na exposição e na visibilidade do que na interioridade e na privacidade.

5- Nova forma de sociabilidade e de comunicação

Outras motivações apontadas pela literatura que trata de blogs confessionais parecem ser contraditórias com algumas falas do filme. Primo e Smaniotto (2006), por exemplo, afirmam que os blogs – incluindo os confessionais – podem existir para servir como espaço de conversação entre o blogueiro e seus leitores (por meio da ferramenta de comentários) ou mesmo entre blogueiros, que fazem “visitas” recíprocas e mantêm links que referenciam outros blogs, formando uma espécie de comunidade.

Mas, em certa passagem do filme, a protagonista Camila diz que seu blog não permite comentários. “Aqui escrevo, não quero saber de opiniões de ninguém, não é página interativa. Não gostou, não lê”, posta a blogueira em certa cena do filme.

Poder-se-ia deduzir que, sem a ferramenta de comentários e com tal afirmação, a blogueira excluiria a possibilidade de ter essa motivação entre as razões que a impulsionam a escrever um blog confessional. No entanto, indiretamente e de diversas formas, o filme mostra o contrário.

O blog de Camila não aceita comentários, mas ela recebe o *feedback* de leitores por meio de e-mails, já uma forma de interação. O Daniel, por exemplo, um garoto com quem tem um romance na parte final do filme, ela conhece pelo blog. Ele era seu leitor e passou a se corresponder com ela por e-mail.

Além disso, apesar de não permitir que os outros se comuniquem com ela pela ferramenta de comentários, Camila usa seus *posts* para dar recados a outras pessoas. Ao terminar com Felipe, publica *posts* dirigidos a ele, falando de cumplicidade e de traição: “Ninguém vive a paixão impunemente”, “O mundo vai ficar pequeno” e “Não concebo a vida sem contágios” são algumas frases escritas e publicadas no blog por ela, já que Felipe não atendia seus telefonemas. E ele dá um retorno: liga e diz: “Foda-se.”

O dono de um outro blog, amigo de Felipe, escreve um *post* em sua página virtual, dirigido à Camila, perguntando a ela o que havia aprontado com o Felipe. Ele diz que, como o blog dela não tem espaço para comentários, abriria a discussão no blog dele. Alex Primo (2006) explica que uma conversação pode ir além do espaço de “comentários”, migrando para *posts* em outros blogs e comentários naquela nova página.

Camila não mantém a ferramenta de comentários e, apesar de afirmar não ser sua página um espaço de interação, usa sim o blog como forma de sociabilidade e de comunicação. Ele é crucial no momento em que Camila está prestes a ser despejada do apartamento onde mora. Ela publica o seguinte *post*: “Urgente / Socorro: necessito um lugar para morar. Amanhã vou ser despejada.” Um leitor de seu blog, o adolescente Guilherme, responde o *post* por e-mail e oferece hospedagem a ela em sua casa. Ou seja, ainda que não de forma explícita, o blog da protagonista serve como espaço de conversação e de encontro.

Este mesmo garoto irá alugar um apartamento para Camila para que ela se dedique exclusivamente a escrever. Como a casa não tem mobília, Paula, uma amiga, tem a idéia de usar o blog de Camila para melhorar as condições materiais de vida dela. Elas postam um convite para um “chá de panela”. Ninguém vai, mas Camila recebe alguns presentes, como uma mesa para seu computador.

Para Primo, “os blogs, além de uma grande inovação como sistema pessoal de publicação, motivam uma nova forma de interação social” (PRIMO, 2006, p.5). Sendo assim, entre as motivações que levam alguém a criar e escrever um blog onde se expõe a vida íntima, estaria esta, bem prosaica: a vontade de manter um espaço de conversação. Camila, apesar de aparentemente negar esta intenção, parece ter esta motivação entre as razões que a levam a ter um blog confessional.

Conclusão

As principais motivações para a escrita de blogs confessionais apontadas por pesquisadores do tema aparecem no filme *Nome Próprio*: a protagonista usa o blog como forma de produzir literatura, deixa transparecer o desejo de singularidade e de fama, tem uma demanda por visibilidade, escreve para moldar a própria subjetividade e usa o blog como forma de sociabilidade.

Ainda quando explicitamente negadas em falas da protagonista, tais motivações mostram-se presentes, como ocorre com o uso do blog para promover a sociabilidade. Ela nega permitir interação, mas, na prática, a promove.

O filme também traz uma motivação nova, que não aparece no grupo das mais recorrentes entre pesquisadores do tema: o uso do blog como forma de comunicação. Camila, em certos momentos da história, usa seus *posts* para mandar recados ao ex-namorado, que não atende seus telefonemas e não entra em contato. Publicar é uma forma de forçá-lo a se comunicar para evitar mais exposição.

Referências Bibliográficas

BRUNO, Fernanda. “Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação”. In: COMPÓS 2004 - XIII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, São Bernardo do Campo. CD-ROM COMPÓS 2004, 2004. 1993.

COSTA, Bruno C. S. “Videografias de si: registros do novo ethos da contemporaneidade”. In: COMPÓS 2008 - XVII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. CD-ROM COMPÓS 2008, 2008.

FOUCAULT, M. (1983). *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983 apud BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação*. In: COMPÓS 2004 - XIII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, São Bernardo do Campo. CD-ROM COMPÓS 2004, 2004.

JAMESON, Fredric. *A Virada Cultural*. Reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006 apud COSTA, Bruno C. S. *Videografias de si: registros do novo ethos da contemporaneidade*. In: COMPÓS 2008 - XVII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. CD-ROM COMPÓS 2008, 2008.

PRIMO, A. F. T. ; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . “Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus”. In: Compos, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.

SIBILIA, Paula. “A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs”. In: Em Questão, Porto Alegre, v.11, n. 1, p. 35 a 51, jan./jun., 2005

_____. “Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica”. 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>>. Acesso em julho de 2008.

_____. “O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams”. In: CAIAFA, Janice; EIHAJJI, Mohammed. (Org.). *Comunicação e Sociabilidade: cenários contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 181-199.